

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFMG – 75 ANOS DE HISTÓRIA DA ENFERMAGEM EM MINAS GERAIS (1933-2008)

Os setenta e cinco anos de existência da Escola de Enfermagem da UFMG começam com a Escola de Enfermagem Carlos Chagas – a qual deu origem, bem como o início à escolarização e à profissionalização da enfermagem em Minas Gerais.

A Escola Carlos Chagas (1933 a 1968) e a Escola da UFMG (1968 a 2008) são dois grandes marcos históricos. Outros marcos foram se constituindo nesses tempos e espaços, como o de 1950 a 1968, em que a Escola funcionou anexa à Faculdade de Medicina da UFMG, e outros, mais recentes, estão em constituição. A partir de 2004, a Escola decidiu produzir novos conhecimentos, com a criação do Curso de Nutrição e, a partir de 2009, com o início ao Curso Análise de Sistema e Serviços de Saúde.

A historiografia da enfermagem brasileira mostra que a Escola de Enfermagem Carlos Chagas é a terceira escola de enfermagem criada no País que se mantém em funcionamento até os dias atuais. Ela é considerada, também, a segunda Escola a seguir as bases de formação de enfermeiras conforme o sistema Nightingale de ensino e a primeira a buscar sua equiparação ao “Padrão Ana Néri”. Ao buscar adequar-se às exigências dos modelos educacionais e culturais no campo da enfermagem, que se consolidavam no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, a Escola construiu espaços e tempos particulares que lhe conferiram uma maneira própria de ser, de se mostrar e de legitimar-se no campo da educação e da saúde em geral e no campo da enfermagem brasileira em particular.

A Escola de Enfermagem Carlos Chagas é uma instituição que se constituiu em um momento de modernização do País no qual a enfermagem está se constituindo no diálogo com os campos da medicina, da educação, das confissões religiosas, com as cidades que se organizam; é uma instituição que é fruto desse diálogo que perpassa diversos saberes. Ao mesmo tempo em que está dialogando com diversos e diferentes movimentos sociais, culturais e políticos, é parte desses movimentos.

Assim, em seu processo de institucionalização, a Escola constituiu e legitimou uma cultura escolar que lhe conferiu singularidade. Dessa forma, deu-se visibilidade social a uma cultura institucional que foi se delineando, ao mesmo tempo em que se elaboravam representações da Escola, da enfermagem e da enfermeira, imbuídas do espírito de brasilidade, de patriotismo e de religiosidade, em consonância com o debate intelectual reinante no País, nas décadas de 1920 e 1930, em que a identidade nacional era colocada como questão de primeira ordem. Uma cultura institucional que, em sua materialidade e em suas práticas escolares – tempos, espaços, currículos, materiais didáticos, processos avaliativos e de controle, corpo docente, dentre outros –, deveria assemelhar-se às normas oficiais do sistema educacional brasileiro em geral e do ensino de enfermagem, em particular.

Nessa constituição de identidade, a Escola Carlos Chagas buscou posicionar-se como uma escola brasileira católica cristã em solo mineiro, trazendo para o seu campo de luta uma grande aliada, a Igreja Católica, representada por Laís Netto dos Reys (idealizadora, organizadora e primeira diretora da Escola) e por outros intelectuais militantes católicos, como o padre Álvaro Negromonte. Portanto, no período de 7 de julho de 1933, data de sua criação, a 3 de dezembro de 1950, data que antecede a anexação dela à Faculdade de Medicina, a Escola atuou de forma a colocar em prática o seu lema: A Deus – pela humanidade – para o Brasil

Os setenta e cinco anos de existência da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais estão, indelevelmente, marcados na história da educação, da saúde e da enfermagem no Brasil. O trabalho e o conhecimento produzidos durante o cumprimento da digna missão a que se propôs – educar para “o cuidar da vida humana” – estarão guardados para sempre nos avanços realizados na educação e na saúde nas terras mineiras.

Desde o sonho e audácia das pioneiras...

... passando pela paixão traduzida pelo desejo, coragem, desafio, esforço e luta dos sucessores...

... até tudo aquilo que impulsiona cada ser humano, na busca da superação e transcendência

– eis alguns dos valores que estão presentes na construção e trajetória da Escola.

Grandes mulheres, grandes autoridades civis, militares e eclesiásticas participaram dessa construção, bem como funcionários, professores, pessoas leigas e religiosas que, por profissão, vocação e fé, assumiram a missão de preparar gerações, comprometidos em consolidar e dar visibilidade a uma profissão, a enfermagem, empenhada na luta, defesa e preservação da vida. São gerações de alunas e alunos que representam sonhos e conquistas alcançadas.

Vitórias e sucessos foram vislumbrados pela mestra Izaltina Goulart de Azevedo – aluna, professora e diretora desta Escola – em discurso proferido no XXIV Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado em 1972, em Belo Horizonte, em que ela sugere que digamos sempre sim aos resultados das lutas e das peijas dos nossos pioneiros e aos grandes benefícios que nos legaram; que procuremos sempre o nosso lugar mais acertado nesse mundo em debate; e que atendamos aos apelos dos que necessitam do nosso trabalho, da nossa honestidade de propósitos, da nossa cooperação para a saúde dos seres humanos. Nas sábias palavras da mestra, verificamos que “na história das grandes conquistas uns tombaram no caminho; mas outros surgiram e empunharam as suas bandeiras, conduzindo-as, corajosamente, pelas trilhas dos predestinados à realização de altos objetivos”.

Assim, a bandeira da Escola de Enfermagem da UFMG, empunhada no dia 7 de julho de 1933, é testemunha do empenho das pioneiras e da garra de seus sucessores, que alcançaram os “altos objetivos” ao colocarem a Escola como sede-espço de fonte de conhecimentos em ciências da saúde, a jorrar bálsamo salutar nas férteis terras das Minas Gerais como em todo o solo brasileiro...

Geralda Fortina dos Santos
Professora da Escola de Enfermagem da UFMG